

Palavra falada *versus* palavra escrita: o acolhimento dos gays pela Igreja Católica¹

Luiz Guilherme Leite Amaral²
Paulo Celso da Silva³

Resumo: Em 2020, o Papa Francisco posiciona-se a favor da união estável entre os homossexuais trazendo à tona, novamente, o necessário debate entre as comunidades religiosas mundiais. Este artigo apresenta posições para uma reflexão contemporânea entre as vozes da igreja católica, assim como de participantes da comunidade *gay* acerca do tema e de novas interpretações possíveis para a escritura sagrada dos católicos, uma vez que, para o Papa, parece não haver contradição entre o que fala o Livro, a prática social e as proibições dessa escolha no âmbito da instituição.

Palavras-chave: União Estável. Homossexualidade. Palavra falada. Palavra escrita. Igreja Católica.

1 Introdução

Em 20 de outubro de 2020, veículos de comunicação em todo o mundo publicaram a notícia que gerou controvérsia quando o Papa Francisco, líder da Igreja Católica, posicionou-se a favor da união estável entre homossexuais. A afirmação, que no começo pareceu como um choque teológico e cultural, aos poucos foi tomando uma outra forma, mais abrandada: Francisco não seria necessariamente *a favor* do casamento entre pessoas do mesmo sexo; o que ele teria dito é que *pessoas do mesmo sexo merecem ser amparadas por uma união civil estável para terem direitos sociais*⁴. A afirmação surgiu a partir do documentário *Francesco*, dirigido por Evgeny Afineevsky e lançado também em 20 de outubro de 2020, e fez com que religiosos de todas as posições hierárquicas na Igreja fossem consultados, não somente sobre o aspecto teológico da coisa, mas também sobre suas próprias opiniões acerca de tal revelação feita pelo Papa.

Conforme explica o *website* oficial do documentário⁵, "*Francesco* não é uma biografia no sentido tradicional. Ao invés disso, é um filme que mostra o mundo como é

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho “Mídias contemporâneas e práticas socioculturais” do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Docente do eixo de Comunicação da Athon Ensino Superior (Sorocaba/SP). Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba, luiz.amaral.mestrado@gmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), paulo.silva@prof.uniso.br.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/02/vaticano-diz-que-declaracao-do-papa-francisco-sobre-união-civil-gay-nao-muda-posicao-da-igreja-catolica.ghtml>. Acesso em: 15/05/2021.

⁵ Disponível em: <https://www.francescofilm.com>. Acesso em: 15/05/2021.

hoje, e um caminho para compreender um futuro melhor pelo trabalho memorável do Papa (...)". Infelizmente não foi possível ter acesso ao documentário por completo, por isso este estudo se atém aos relatos feitos pelas agências de notícias e os comentários dos religiosos a partir das reportagens encontradas. Há de se compreender, no entanto, que mesmo que os pesquisadores não tenham assistido ao filme na íntegra, a grande veiculação do fato nos meios possibilitou pesquisar e analisar o discurso do Papa e o que os dogmas da Igreja Católica sustentam.

Papa Francisco acabou por se tornar uma figura que incita sentimentos bastante diferentes entre os fiéis católicos ao redor do mundo. Para uma parcela, Francisco é um sopro de esperança para guiar uma instituição que tem sido sistematicamente manchada com escândalos de crimes de pedofilia, lutado para manter "os pés no chão" sobre os problemas do mundo e como se adaptar a eles, e também a respeito de um futuro que cabe cada vez menos dentro dos dogmas cristãos que ela própria representa.

Conforme nos lembra o jornalista e teólogo Juan Arias (2014):

Francisco, goste ou não determinado setor da Igreja que sempre preferiu a condenação abstrata ao perdão e à compreensão, alterou a dinâmica do pecado clássico e desenterrou a doutrina primitiva da Igreja de misericórdia e compreensão para com os pecadores, sobretudo os mais frágeis, humilhados e explorados pelo poder. Francisco recordou simplesmente a aguda consideração evangélica de que existem aqueles que conseguem "ver a palha no olho alheio, mas não a viga no próprio". De fato, Francisco, que prefere uma Igreja capaz de perdoar e acolher à velha Igreja sempre disposta a lançar anátemas e condenações, sabe muito bem que as supracitadas palavras de Jesus continuam sendo aplicadas hoje para os representantes da Igreja, alguns dos quais, enquanto criticam essa sua abertura acusando-o de ter abolido o pecado, são os primeiros a perdoarem a si mesmos por crimes e pecados que, estes sim, não têm perdão: como o abuso contra menores ou as orgias homossexuais celebradas dentro do Vaticano em prol de obscuros negócios das máfias e do dinheiro sujo.

Por ser um papa jesuíta e latino-americano, percebe-se que Francisco está em consonância com um tipo de Teologia da Libertação mais aproximada ao contexto argentino, em que ele próprio se refere como "teologia do povo". Em sua essência, o propósito da Teologia da Libertação é "reescrever a história na perspectiva dos vencidos e contribuir para recuperar a memória de seus combatentes na libertação" (SAMANES, ACOSTA, 1999, p. 820). Desde que assumiu seu posto, Francisco tem dado constantes demonstrações de que rege sua vida religiosa a partir de preceitos que estão muito

distantes do catolicismo clássico europeu, este bastante evidente no trabalho de seu predecessor, Papa Bento XVI. A aproximação com o público, sua fala carismática e franca, e sua prática de tratar de temas mais controversos trouxeram para a Igreja uma nova forma de professar a fé. Parece bastante claro que Francisco se encontra em uma posição de latino-americano que conhece a história da Igreja Católica em seu país e faz um trabalho não apenas religioso, mas também social, no resgate e preservação da memória e da identidade dos colonizados. A partir das palavras de G. Gutierrez, Samanes e Acosta (2015, p. 820) lembram que:

A história humana foi escrita por uma mão branca, uma mão masculina, da classe social dominante. A perspectiva dos vencidos da história é diferente. Tentou-se apagar de sua memória a recordação de seus combates. Isto os priva da vontade histórica da rebelião.

A partir do que nos explica Manzatto (2015), a pluralidade de definições e interpretações acerca da Teologia da Libertação faz com que ela seja desmembrada em várias dissidências, umas mais próximas ao original marxista, outras que se encontram mais distante disso. No entanto, todas elas têm pontos em comum que as caracterizam singularmente como Teologia da Libertação, ainda que se dê a ela um outro nome — como "Teologia do Povo", como o próprio Papa o faz.

Francisco, o primeiro papa latino-americano, é a contribuição que esta Igreja dá à Igreja universal no início do século XXI. Conhecedor da Teologia da Libertação, sobretudo em sua vertente argentina, a "teologia do povo", o papa não hesita em fazer apelo às grandes conquistas que a Teologia da Libertação trouxe: o método ver-julgar-agir, a opção pelos pobres e a ação política como maneira de transformar a realidade da sociedade. Age assim sem reivindicar pertença ou afiliação à Teologia da Libertação e sem a ela referir-se explicitamente, inclusive porque conhece seus limites (MANZATTO, 2015, p. 201).

De acordo com reportagem do *New York Times*⁶, Papa Francisco tem em seu discurso todos os elementos que fazem parte desta ideologia. No entanto, a própria repórter ressalta que, nas palavras do Padre Lombardi, "Está claro que ele [Francisco] sempre foi contra variantes da Teologia da Libertação que possuem viés marxista". Pode-

⁶ Disponível em: https://www.nytimes.com/2013/05/26/world/europe/pope-francis-changes-tone-at-the-vatican.html?_r=1&. Acesso em: 15/05/2021.

se conjecturar aqui, então, que, em havendo uma variante da Teologia da Libertação que esteja em conformidade com suas convicções — a saber, a Teologia do Povo, que traz uma coleção de elementos muito próxima com a Teologia da Libertação original —, Francisco terá um discurso bastante próximo dela. Explicam-nos Samanes e Acosta (1999, p. 820):

A TL (Teologia da Libertação) latino-americana serve de marco geral de referência para outras TL e é a primeira sistematização do novo método teológico. Segundo pertinente observação de A. Pieris, os teólogos latino-americanos fizeram como a teologia europeia algo parecido ao realizado por Marx e por Feuerbach com a dialética hegeliana: pô-la sobre seus pés e encarná-la em uma teopraxe. Mas isso não significa que seja a única TL, nem que seja a mãe de todas as outras que se elaboram no Sul.

Uma vez que este papa, jesuíta e latino-americano, tenha sido passado por sua ordenação presbiteral em 1969, e a Teologia da Libertação toma forma na América Latina durante as décadas de 1960 e 1970, e, sobretudo, levando em consideração o teor do seu discurso, não parece estranho que Papa Francisco tenha sido influenciado por alguma variante desta teologia, e que ela tenha moldado seu caráter e forma de professar a fé. O importante a ser destacado na matéria do *New York Times* é que o padre que fala sobre Francisco descreve claramente *variantes* da Teologia da Libertação. Ou seja, Francisco não é contra *todas* as variantes, apenas as de cunho marxista.

No documentário *Francesco*, o papa faz a seguinte afirmação:

Homossexuais têm o direito de ter uma família. Eles são filhos de Deus. Não se pode expulsar alguém de uma família, ou fazê-la sofrer por isto [ser gay]. O que temos que ter são leis de união civil, para que eles estejam legalmente protegidos (PAPA FRANCISCO).

Aqui é importante fazer duas observações: em primeiro, o uso do verbo *ter*, em "temos que ter", o que denota o senso de urgência em reparar e proteger um grupo que é claramente marginalizado, tanto pela sociedade como um todo quanto pela instituição que ele encabeça, e também com a palavra "direito", o que justifica sua compreensão de que homossexuais e heterossexuais fazem parte da mesma sociedade e, portanto, são passíveis das mesmas proteções sociais. Esta análise é originalmente feita por Charles Reed,

professor da Universidade Saint Thomas e especialista em Direito Canônico⁷, e que está par e passo com a hipótese que levantamos neste estudo acerca da influência da Teologia da Libertação pelo Papa:

Enquanto pertencentes à mesma família, realizam-se entre elas convergências e afinidades, mas também diferença de acento e de horizonte em função dos diferentes contextos geoculturais, étnicos, **sexuais**, socioeconômicos em que surgem e se desenvolvem dos desafios aos quais devem responder e dos interlocutores com os quais dialogam (SAMANES e ACOSTA, p. 820) [grifo nosso].

O problema aqui não é o fato de o Papa tentar se distanciar da Teologia da Libertação, sobretudo as variantes marxistas; o problema é que seu próprio discurso e suas atitudes indicam uma coerência com o que apregoa a teoria clássica da Teologia da Libertação, conforme nos trazem Samanes e Acosta. Quer dizer, ainda que o Papa tenha “reinterpretado” à sua maneira a teologia, parece acertado dizer que ela continua surpreendentemente de acordo com o que a Teologia da Libertação diz, em função de suas influências enquanto ocupava posições hierárquicas iniciais na Igreja Católica.

Se olharmos para a história da Igreja Católica, veremos que ela sempre relutou diante às mudanças sociais, e demorou a adotar — ou ao menos se enquadrar — ao *status quo* a fim de que pudesse manter e/ou aumentar seu rebanho. Puntel (2011) nos mostra que, no âmbito da comunicação, a Igreja sempre caminhou trôpega:

(...) A primeira fase, caracterizada por um comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e da repressão. (...) Uma segunda fase demonstra mudanças profundas caracterizadas pela aceitação desconfiada dos novos meios. (...) Na terceira fase, encontramos um ritmo veloz: é a velocidade com que as transformações sociais e tecnológicas acontecem. O imperativo para a Igreja "apertar o passo" e adaptar-se ao mundo contemporâneo apresenta-se sobre a necessidade imperiosa de "aggiornamento" que emerge do [Concílio] Vaticano II (2011, p. 223).

Aconteceu com a prensa de Gutemberg, com a transição do feudalismo para o capitalismo, com o Iluminismo (muito a contragosto, há de se observar); acontece com a forma da Igreja se comunicar, e acontece com alguns dogmas da Igreja. Quando observamos a "jurisprudência" da Igreja Católica, percebemos que, quando o Papa aborda

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=zhOuFEa52KA>

o assunto da união homoafetiva e, principalmente, acolhe os *gays* no seio da Igreja, ele está “atualizando” (aggiornamento) os conceitos como sugerido por Puntel.

2 Uma pausa: vozes gays

Questionamos pessoas de nosso círculo social, que se declaram gays, acerca da posição do papa, suas afirmações e as posições inflexíveis da igreja católica por conta da tradição teológica. Pedimos suas opiniões a respeito das declarações do papa e como elas afetariam a fé que depositam nessa denominação religiosa. Chamamos aqui de *vozes* e são elas:

Voz A:

Foda, hein, meu amigo? Tem que escrever uma carta (risos)! Vou tentar resumir: sou católico, acredito em Deus e odeio o Papa. Se ele estivesse acima do bem e do mal não haveria tanta pedofilia na igreja que ele insiste em dizer que não há, e quando provam ele desconversa, e pede desculpas. A bíblia foi tantas vezes reescrita durante os tempos e modificada para aquilo que favorecia a igreja. Deus deu livre arbítrio, logo a gente tem que se entender com ele não com um ser humano tão sujo quanto eu. Isso não me afeta em nada. Acho que quem curte essa coisa de matrimônio legal, respeito. Eu não curto, sou a favor do matrimônio civil por conta dos bens em comum construídos por casais por proteção contra famílias. Consegui te responder? Pode perguntar algo que eu não tenha me explicado direito. E por último: desde que o mundo é mundo existem animais homossexuais comprovados, então não foram criados por Deus, são todos condenados. Essa coisa de que pode ou não pode foi o ser humano que criou, não Deus.

Voz B:

Então, vamos lá. Excelente questão a que você levantou. Para mim, eu não sou católica, não sou cristã. Para mim é, como você falou, é meio que se foda. Não importa o que o Papa vai falar, a igreja vai falar. Eu casei no civil, obviamente não casei na igreja. Teve uma cerimônia, oração e tal. Não foi dentro de uma igreja. Eu acho importante o que o Papa fala, no sentido de tentar atingir com o discurso dele talvez uma nova geração católica, embora ele seja, pelos mais conservadores, bastante criticado pela posição dele, inclusive tem gente que fala que o papa é comunista. Mas acho que é importante porque ele tenta, em discursos que ainda são muito restritos, ele fala que apoia a união civil, a gente fica muito feliz, embora seja o óbvio, pois é o mínimo que a gente esperava dele. Mas sei que dentro da igreja é muito difícil e ele está tentando desfazer alguns muros, tirar algumas barreiras. Mas, para

mim tem esse lado, como o discurso dele é bem importante e aos poucos ir tentando abrir a cabeça das pessoas etc. Mas, não faz diferença, na minha opinião a igreja quer aceitar ou não as pessoas. Contudo, a minha esposa tem um pensamento já bem diferente, porque ela é católica, ela já foi casada com um homem, um casamento hetero, casou na igreja, tudo aquela coisa certinha e para ela o pensamento da igreja é muito importante. Daí é engraçado, porque dentro do relacionamento a gente tem dois pontos de vista do mesmo assunto. Ela é católica, ela não frequenta a igreja, mas faz a oração em casa, o Miguel, nosso filho, quer passar pelo catolicismo, quer que ele faça catequese, tem todas essas questões. Mas, para ela o peso já é diferente. Agora, para mim, já é... Caguei para o papa. Embora eu ache que ele tem mudado bastante coisa de importante, mas não o que me afeta.

Voz C:

Oi, tudo bem?

Opinião exatamente sobre o Papa, sobre a igreja eu nunca fui de levar muito a ferro e fogo. Não vou seguir o que eles falam, não sigo nem o que meus pais falam, o que dirá seguir uma outra pessoa de fora! Mas fico contente em escutar que o papa está evoluindo, está trazendo para dentro da igreja uma evolução de vida. Eu sempre segui a igreja católica, acreditando em várias coisas que são pregadas dentro da igreja. Mas, não acho essa questão da bíblia, o que está escrito exatamente na bíblia temos que seguir e tal, para mim ainda é confuso... Tem 50 bíblias diferentes, 50 formas de falar que a vida é essa ou aquela... Então, exatamente nesse ponto eu não me prendo muito. Eu acho bacana uma evolução da igreja, sendo qualquer uma delas, que é uma católica, que é uma das igrejas que eu mais me aproximo em seguimento de vida, eu fico muito contente em saber que existe uma figura ali que é muito importante para a católica que está evoluindo nesse pensamento. Então, acho que hoje o que eu mais penso é, nesse sentido, assim, feliz por estarmos saindo da idade das pedras, continuar mantendo isso no século que a gente está. Mas, falar exatamente que eu sigo o que ele prega, o que a bíblia prega, que Fulano prega... Não tenho isso, não!

3 Retorno: vozes institucionais

Quando o tema passa a ser "normalizado" nos discursos oficiais e o Vaticano percebe que está ficando para trás na questão, começa novamente o *deslumbramento ingênuo* cunhado por Puntel (2011) e que acaba na revisão do conceito e sua possível adoção. Isso pode ser reforçado quando retornamos aos acontecimentos e vemos que, até 1965, as missas só eram rezadas em Latim e com o padre virado de costas para a audiência; hoje os padres estão no WhatsApp.

Pergunta-se, por isso, se Francisco tem a autonomia para alterar, senão um dogma bíblico, ao menos uma tradição que se perpetua ainda no século XXI. Um papa tem basicamente duas funções: ser o líder da Igreja Católica e o Chefe de Estado do Vaticano. Entre sua posição religiosa e política, concentremo-nos na primeira, assim como nos mostra matéria publicada no *Huffington Post* e traduzido para o Português por Isaque Gomes Correa⁸:

Além do poder político e diplomático, o poder de inspiração do papa é ainda mais impressionante. Para uma grande parcela da humanidade, a Igreja Católica tem sido, há milênios, o seu caminho para o Divino e tem fornecido respostas para as perguntas sobre como viver uma vida moral e significativa (CORREA, 2015).

Apesar de ser o Sumo Pontífice, de acordo com a tradição, um papa é um instrumento da vontade de Deus, mas não o substitui ou fala em nome dele. Ainda que seja comum ouvir expressões como "Deus fala por meio do Papa", ou ideias do gênero, esta é uma função que lhe é entregue por meios políticos: papas não se candidatam, mas são eleitos pelo sufrágio.

A questão, então, é: se para o Papa Francisco o abandono social dos *gays* é um problema, como é possível coadunar o que está na Bíblia, o posicionamento da Igreja Católica, e suas convicções latino-americanas de justiça social?

A tradição da oralidade católica

O cristianismo é uma religião de tradição oral. Tanto em sua história como em suas práticas, a Igreja Católica tem no *querigma* parte fundamental da transmissão da fé e da mensagem cristã, que envolve de um lado um líder ou pessoa com conhecimento teológico profundo, e do outro lado as pessoas que desejam receber estas mensagens:

Na tradição cristã, a palavra *querigma* se tornou sinônimo do primeiro anúncio das verdades da fé. Os discípulos, após a morte de Jesus, saíram pelas cidades e povoados anunciando o querigma do Reino de Deus, que, nas Escrituras, é assim resumido: "Jesus de Nazaré foi morto, ressuscitado e exaltado à direita de Deus Pai" (CATHOLICUS.ORG.BR).

⁸ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/546057-por-que-o-papa-francisco-e-importante-especialmente-no-mundo-de-hoje>. Acesso em: 15/05/2021.

Já nas origens, o ato de viajar para os mais diferentes lugares anunciando o cristianismo fez com que esta religião crescesse, fosse adotada por Constantino Magno como religião oficial de Roma no Concílio de Niceia, em 325 e, ao longo dos séculos, fosse cada vez mais estabelecida como uma religião baseada na voz. Para as teorias de Mídia, de Harry Pross, este é um fenômeno típico da *mídia primária*, como nos mostra Pross (apud BAITELLO, 2001, p. 2): “Na mídia primária juntam-se conhecimentos especiais em uma pessoa. O orador deve dominar gestualidade e mímica (...), o mensageiro deve saber correr, cavalgar ou dirigir e garantir assim a transmissão de sua mensagem”.

Em se tratando de uma religião que aceita a conversão, diferentemente do judaísmo e tal como o islamismo, há de se adicionar um outro fator ao querigma, que é a persuasão. Em uma época em que o cristianismo era uma religião marginalizada, conquistar fiéis a partir do convencimento, sobretudo ao oferecer uma recompensa que outras religiões não ofereciam, tornou-se uma peça-chave para o arrebanhamento de fiéis e, logicamente, para o crescimento dela. À época do primeiro Concílio, Roma era politeísta, e as crenças representavam grupos familiares; ainda não era uma estrutura institucional como passou a ser a partir do século IV e V. Isto quer dizer, então, que os evangelizadores tiveram um grande trabalho de convencimento e conversão pelos locais onde passavam, e tudo isso se dava pela tradição oral. Aliás, é bom que se lembre que a tradição oral é o que constrói crenças desde *muito* antes do cristianismo, a ponto destas tradições serem passadas por várias gerações e, em dados momentos, aglutinam-se com outras tradições. O intercâmbio oferecido pela mídia primária praticamente não tem limites.

Em se tratando da persuasão, deve-se compreender que, nos estudos de meios de comunicação de massas, este capítulo é um avanço. Isto porque, na persuasão, abandona-se o viés mecanicista de *estímulo-resposta* das teorias anteriores e inaugura-se um estágio em que “nesta evidencia (...) a complexidade dos elementos que entram em jogo na relação entre emissor, mensagem e destinatário” (WOLF, p. 18). A mensagem religiosa é carregada de simbolismo, promessas e esperança. Também demanda obediência, mas faz parte do jogo. A questão, aqui, é que o querigma não se resume apenas à anúncio das “verdades de fé” do cristianismo; é necessário também que haja componentes que façam os interlocutores “comprarem a ideia”, ou seja, converterem-se: “as mensagens da mídia

contêm características particulares do estímulo, que interagem de maneira diferente com os traços específicos da personalidade dos membros que compõem o público" (WOLF, p. 18).

Wolf, no entanto, faz um adendo: "é preciso lembrar que este tipo de teoria estuda primordialmente os efeitos dos meios de comunicação de massa numa situação de campanha (eleitoral, informativa, propagandística, publicitária etc.)" (p. 19). Mas, é possível transpor este mesmo modelo para a religião? Em se tratando de um movimento em que existe um alto nível de persuasão, pois implica em uma *conversão*, assim como em uma eleição uma pessoa é persuadida a votar em um candidato ou a comprar um produto, é seguro dizer que sim. A religião também ajusta o discurso e leva em consideração as nuances do público para emitir suas convicções e ideias a fim de persuadi-lo.

Ao contrário do ditado popular, a palavra falada *não é* flecha lançada. Isto porque a comunicação avançou com as sociedades e permitiu que criássemos códigos e formas de registrar nossas ideias. A palavra *escrita* se torna flecha lançada. As mídias secundárias são o recurso de criamos para organizar e perenizar nossas ideias, conforme nos mostra PROSS (apud BAITELLO, 2001):

aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado, portanto são mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, também em seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista, jornal (...)" (PROSS, 1971, p. 128).

Para a Igreja Católica, a Bíblia é a chancela da palavra de Deus. De acordo com esta tradição teológica, os escritos bíblicos são diretamente inspirados por Deus e tornam-se, assim, a manifestação de suas vontades na Terra. O que se compreende é que a Bíblia se torna o compilado que chancela todo o teor teológico desta religião, e torna-se, assim, o livro que rege todos os preceitos. Surge, a partir daí, uma relação entre as mídias primária e secundária pode ser entendida da seguinte maneira: a Bíblia é o centro de toda a doutrina, é o livro sagrado que oferece todas as respostas dentro desta teologia. As pessoas que leem e pregam são interpretadores da palavra escrita, mas esta não pertence a eles, e sim a Deus. As interpretações são feitas de acordo com a dissidência religiosa, o *zeitgeist* e mais uma série de fatores sociais, políticos e religiosos.

Compreende-se que a primeira função da escrita, conforme nos mostra Amaral (2017) é que "a escrita *tinha* que ser inventada porque não é apenas registro, a aproximação da fala e a redação; trata-se também de uma forma de organizar o pensamento" (p. 28). As tradições orais criaram uma estrutura básica para o cristianismo, mas foi apenas a partir da escrita — e da compilação desses escritos — que foi possível organizar toda a doutrina e, assim, considerá-la uma religião na forma de uma instituição. Tanto na esfera religiosa quanto em qualquer outra da vida cotidiana, a escrita tem o papel fundamental de registrar e tornar válido o que é dito:

Criou-se um caráter de autenticidade no que é escrito. É uma forma de autenticar o que é dito por alguém importante, como um rei ou um papa. Não é o caso, no entanto, de entrarmos no mérito se é um *apelo à autoridade* (como falácia lógica), mas é um processo que institucionalizou a assinatura para garantir que vontades fossem validadas pelo senso comum. Foram criadas chancelarias, que assinavam documentos cujo conteúdo se tornava oficial. Conforme Zumthor nos explica (p. 102), os reinos bárbaros, germânicos, franceses, italianos e outros que compunham cidades-Estados pela atual Europa se valeram das chancelarias para seus decretos. Esta institucionalização da assinatura cria uma regra, pois torna-se uma convenção estabelecida, de que o que é escrito passa a valer mais do que é falado (AMARAL, 2017, p. 32).

Neste prisma, pode-se compreender que a Bíblia é a chancela e o registro do que é dito por Deus, que usa seus servos como veículo para registrar suas ideias. Ainda que toda a instituição da Igreja Católica se mobiliza para alterar a questão da homossexualidade, ainda caímos na barreira da autoridade bíblica.

Considerações finais

Hoje, no ocidente, não apedrejamos mais as "mulheres adúlteras" ou sacrificamos animais em altares. Certos costumes, ainda que sejam regras de conduta, foram vencidos pelo tempo, exatamente porque a evolução das sociedades as fazem ser inferiores ao próprio caminhar da humanidade. No entanto, a lei divina não cessa de existir; ela é apenas ignorada. Mas se isto aconteceu com o apedrejamento de mulheres adúlteras, por que não pode valer também para a homossexualidade? Quais são os pesos e medidas entre uma coisa e outra? Uma das respostas pode estar na ideia de que a prática de

apedrejamento é pura *crueidade*, enquanto relações homoafetivas são consideradas como "desvio de caráter" ou, em outros momentos, "completa abominação".

Se Papa Francisco defende a união estável entre homoafetivos, não significa que ele esteja *alterando* uma lei divina, mas que ele esteja dando uma interpretação baseada nas suas próprias influências e também vislumbrando algum tipo de mudança nas diretrizes da Igreja Católica, na esperança de que o "problema" da homossexualidade na Bíblia possa ser ultrapassado como os outros. O que se pode afirmar, em face de tudo que foi pesquisado aqui, é que o Papa não tem a autoridade para falar em nome de Deus e modificar uma lei escrita. Fica claro que um papa tem uma posição burocrática, de quem dá continuidade aos ritos religiosos, mas que também tem uma função política muito bem definida por ser um chefe de Estado.

O que se pode concluir, portanto, é que a vontade de Francisco em acolher os *gays* para a Igreja e anular a abominação que a Igreja considera existir no relacionamento entre eles, não altera, de imediato, o estabelecido secularmente: homossexualidade é e continua sendo proibido dentro do âmbito cristão. Estamos lidando com uma instituição de 20 séculos, cujas bases são fundadas em outra religião de mais de 30 séculos — o judaísmo. O imediatismo e a pressão social atuais ainda não são suficientemente fortes para que uma mudança tão arraigada e significativa como esta possa ocorrer. As posições pessoais do papa, como as de todos nós, são passíveis de análises subjetivas, de ambos os lados.

Os entrevistados sugerem em suas falas que a aceitação da fé cristã e a orientação sexual não são contraditórias, uma vez que não são externas às pessoas e, sim, a orientações de valores que estruturam suas vidas. Dessa forma, a posição hierárquica, do papa ao seminarista católico, assim como o tradicionalismo da interpretação/regulação da vida de seus seguidores, sejam leigos ou clérigos, parece não os afetar.

Parece acertado afirmar que, em todos os momentos da trajetória cristã, a contradição e o conflito foram marcas constantes, com maior ou menor violência contra os corpos, e hoje não é diferente. A violência hoje não permite queimar em fogueiras, mas permite manter o registro escrito e interpretado no qual corpos considerados dissonantes ou conflitantes não são reconhecidos, mas seu pecado, sim. Isso é o que basta, não para perdoar, mas para punir. Perdoar é do antigo Cristiano, aquele ligado ao próprio Jesus, punir é do “novo” cristianismo, o que foi interpretado há mais de 10 séculos. E, tal como nos ensina Omar Khayyám: *The Moving Finger writes; and, having writ, Moves*

*on: nor all thy Piety nor Wit shall lure it back to cancel half a Line, Nor all thy Tears wash out a Word of it*⁹ (KHAYYAM, 1859, p. 14).

Referências

AMARAL, Luiz Guilherme Leite. **A ecologia da comunicação católica**: do sermão à missa de televisão. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade de Sorocaba. 2017.

ARIAS, Juan. O papa Francisco aboliu o pecado? **El País**, junho de 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/06/opinion/1389021191_169639.html . Acesso em: 18 fev. 2021

BAITELLO JR, Norval. **O Tempo Lento e o Espaço Nulo**: mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO Neto, Antônio et al (Org.). Interação dos sentidos no ciberespaço e na sociedade. Porto Alegre: EDIPURS, 2001.

_____. **A Era da Iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. Paulus: 2014.

BÍBLIA SAGRADA. Versão católica. Disponível em: <www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CATHOLICUS.ORG.BR. **O que é querigma?** Disponível em: <<https://catholicus.org.br/o-que-e-querigma/>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CORREA, Isaque Gomes. **Por que o Papa Francisco é importante, especialmente no mundo de hoje**. Instituto Humanitas Unisinos. 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/546057-por-que-o-papa-francisco-e-importante-especialmente-no-mundo-de-hoje>>. Acesso em: 18 fev. 2021

KARE 11. **Pope endorses same-sex civil unions in new documentary film 'Francesco'**. 2020. (4m13s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zhOuFEa52KA>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KHAYYAM, Omar. **Rubaiyat**. Bernard Quaritch, 1859.

MANZATTO, Antonio. **O Papa Francisco e a Teologia da Libertação**. Revista Cultura Teológica. Ano XXIII, n. 86, jul/dez. 2015. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.v0i86.26048/18695>>. Acesso em 30 mar. 2021.

NEW YORK TIMES. **Francis' Humility and Emphasis on the Poor Strike a New Tone at the Vatican**. Disponível em:

⁹ O dedo que se move escreve; e, tendo escrito, prossegue: nem toda tua Piedade ou Sabedoria ludibriá-lo-á a cancelar uma linha sequer; tampouco todas as tuas lágrimas lavarão sequer uma palavra.

<https://www.nytimes.com/2013/05/26/world/europe/pope-francis-changes-tone-at-the-vatican.html?_r=1>. Acesso em 18 fev. 2021

SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

PUNTEL, Joana T. **A Igreja a caminho na comunicação**. Teocomunicação. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242. Julho/Dezembro de 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.